A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO, A IGREJA DA SÉ, A IGREJA DO CARMO E A IGREJA DO DESTERRO: UMA ANÁLISE DOS PRIMEIROS EXEMPLARES DA ARQUITETURA RELIGIOSA DE SÃO LUÍS- MA

Ana Alice de Freitas Choairy[1]

Thaís Trovão dos Santos Zenkner[2]

INTRODUÇÃO

São Luís se encontra na região nordeste do Brasil, entre as bacias de São Marcos e São José de Ribamar. Originalmente ocupada por índios tupinambás, por conta de sua localização a região de São Luís vai ser muito cobiçada e é fundada por franceses em 1612 e se desenvolve a partir do forte São Luís. Com a retomada da cidade pelos portugueses o engenheiro Francisco Frias cria um plano para organizar o crescimento da cidade, seguindo padrões das cidades portuguesas. Pela sua localização, São Luís se comunicava mais diretamente com a metrópole, se tornando capital essencialmente administrativa do Estado do Maranhão.

A cidade passou por uma ocupação holandesa entre 1641 e 1644, depois da retomada por Portugal a cidade passa por um desenvolvimento, são feitas construções, a cidade recebe presentes da metrópole, com obras de arte. A economia cresce bastante com a criação de companhias de comércio e a introdução do trabalho escravo.

Nos séculos XVIII e XIX aparecem algumas das construções mais características da cidade como os sobrados, e são feitos diversos melhoramentos urbanos na cidade. Depois de diversas expansões feitas na cidade ao longo dos séculos, ela se desenvolve para fora de seu eixo inicial do Centro Histórico, e começa a se desvincular de algumas de suas características clássicas. A partir do século XX são feitas medidas de proteção para a área mais antiga da cidade, resultando na sua titulação de Patrimônio Mundial da Humanidade em 1997, por sua forma urbana e arquitetônica.

Segundo Choay (1925), as obras arquitetônicas vão servir como memória de um povo, como representação de sua história em determinadas épocas. Sua conservação vai ser importante para que essa história se mantenha viva, mesmo com a criação de obras mais atuais.

As primeiras igrejas de São Luís - MA vão ser construções importantes na formação da cidade e parte importante do patrimônio. O atual artigo visa estudar através de pesquisas bibliográficas e visitas de campo as igrejas do Santo Antônio, da Sé, do Carmo e do Desterro, construídas originalmente no século XVII, todas partes do perímetro classificado como Patrimônio Mundial. Trazendo informações de suas construções, renovações, e importância como parte do patrimônio mundial.

METODOLOGIA

Para a primeira etapa do trabalho realizamos pesquisas bibliográficas sobre patrimônio destacando a autora Choay (2001), dentre outros; também foram feitos estudos bibliográficos de fontes secundárias que falam sobre a formação da cidade de São Luís, seu traçado urbano, suas expansões, suas características luso-brasileira, e suas diversas obras de revitalização do

[1] Discente em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: anaalicechoairy@gmail.com

[2] Doutora em Urbanismo, Docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: thaiszenkner@yahoo.com.br

Centro Histórico. Como base foram usados os autores Andrés (1998), Lopes (2008), Zenkner (2002), os portais do IPHAN e da prefeitura de São Luís, entre outros.

Na segunda etapa do trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas, de livros, artigos e documentos, encontrados em bibliotecas públicas, particulares, e na internet, a fim de entender como a arquitetura religiosa chegou ao Brasil e a São Luís, exemplos de arquitetura religiosa. Destacamos autores como: Bogéa; Brito; Ribeiro (2009) e Ferreira; Santos (2010). Foi pesquisado também como foram feitas as construções das igrejas do Santo Antônio, da Sé, do Carmo e do Desterro. Também foram feitas pesquisas de campo as igrejas, para analisar seus estados de conservação, e fazer um levantamento fotográfico.

A partir dos dados levantados foi feita uma análise destacando a importância da arquitetura religiosa para o patrimônio e história da cidade, a fim de completar o relatório final da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Igreja de Santo Antônio

A igreja se encontra no mesmo local onde foi construído o antigo convento de São Francisco de Assis. Em 1624, o frei Cristóvão de Lisboa, que veio a São Luís como custódio visitador e representante português do santo ofício, encontrou o convento de São Francisco em ruinas, e orientou a reconstrução dele sob o patrocínio de Santo Antônio (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio; Demétrio, 2025; Zenkner, 2002).

Em 1684 a igreja foi palco das reuniões preparatórias para a Revolta de Beckman, liderada pelo agricultor de origem alemã Manuel Beckman, que expulsou os jesuítas e reivindicou melhorias para a cidade. Não existem muitas informações a respeito do convento durante o século XVIII. Em 1836 ele serviu como primeiro quartel do Corpo de Polícia da Província do Maranhão, atual Polícia Militar do Estado, sendo esse retirado em 1838 por iniciativa do Bispo D. Marcos Antônio de Sousa que reativou o seminário (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio; Demétrio, 2025).

O convento continuou a funcionar até 1856, pois não tinha mais recursos financeiros e faltavam também os frades. Ainda nesse ano o frei Vicente de Jesus, vindo do Pará e nomeado guardião do convento, iniciou as obras de revitalização do convento e de construção da igreja de Santo Antônio como a conhecemos. A construção iniciou- se com investimentos feitos por meio doações da população. Frei Vicente de Jesus faleceu em 1862 antes da obra ser terminada, continuou o seu trabalho como guardião do convento o frei Ricardo do Sepulcro, que conseguiu em 1864 que o governo da Província disponibilizasse uma quantia anual para as obras e conseguiu que essas fossem supervisionadas pelo engenheiro Francisco César da Silva Amaral. A igreja foi inaugurada oficialmente em 20 de janeiro de 1867. Frei Ricardo do Sepulcro foi o último frade a viver no convento. Depois de sua morte a igreja e o convento passaram por longa disputa judicial a respeito de sua detenção. O último guardião do convento Mons Tavares tentou passá-lo para a direção do seminário, as disputas começadas em 1877 se encerraram em 1902 quando o convento e igreja passaram a ser propriedade da Mitra Diocesana. É provável que tenha acontecido uma reforma em 1888, houve uma reforma e pintura parcial em 2006, e atualmente a igreja encontra- se novamente sendo restaurada. (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio; Demétrio, 2025).

Tratando das características da igreja a fachada principal possui duas torres laterais quadrangulares com vãos com verga em arco ogival simples e vãos circulares, um frontão triangular no centro com uma cruz simples em cima, quatro vãos em arcos ogivais, uma no pavimento térreo e três no pavimento superior equidistantes (Figura 1). A porta central no pavimento térreo dá acesso ao átrio e à nave única retangular longa, sendo pavimentada por ladrilho hidráulico decorado. A capela- Mór se encontra ao fundo após o arco cruzeiro. Vãos de porta se abrem à Capela do Bom Jesus da Coluna, à capela de Bom Jesus dos navegantes e

à Gruta de Nossa Senhora de Fátima podendo ser vistas a direita quando se entra no templo, elas foram construídas antes da igreja, suas fachadas originais agora são integradas à parede da igreja se estendendo de forma transversal. No pavimento superior, na fachada, existem uma janela central e duas janelas laterais menores, todas com vergas em arco ogivais e esquadrias de madeira (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio; Demétrio, 2025).

Segundo pesquisa de Cutrim; Demétrio e Demétrio de 2025 foram encontradas 17 patologias, as mais comuns sendo a deterioração da madeira e a desagregação de revestimento. Segundo matéria do gov.br (2025) a reforma mais recente, finalizada em setembro de 2025, foi feita em cooperação do Iphan com o Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Infraestrutura e englobou a restauração da estrutura da Igreja, da pintura original das paredes, do altar-mor, e também a restauração de imagens, objetos de decoração e outros bens. Além da restauração de características antigas foi feito um trabalho de modernização das redes elétrica e luminotécnica, do sistema de combate a incêndio e feita a instalação de circuito de monitoramento.

A Igreja depois de reinaugurada se encontra com a faixada em bom estado de conservação, sem rachaduras ou manchas, a pintura bege se destaca. A lateral da edificação, pertencente a escola, por outro lado possui manchas e quebras. Por dentro a Igreja se encontra em um bom estado. Características que chama a atenção são: a pintura, a restauração das imagens e dos altares, que foram reformados ao seu estado e cores antigas, e a instalação de novos equipamentos de som luz e som. Com luzes direcionais colocadas próximas ao altar-mor e caixas de som colocadas de maneira espaçada no perímetro de entrada após o altar-mor até o final do espaço de bancos. Em todo esse corredor também foram colocados novos ventiladores, o que auxiliou para que a Igreja não estivesse tão quente quanto antes.

Algo que se destacou na visita de campo foi a situação da praça da Igreja, por mais que o largo também tenha sido reformado e esteja com os bancos bem renovados, assim como o piso, existe muito lixo jogado nesse largo, o que demonstra certa falta de cuidado dos habitantes.

Igreja da Sé

A primeira igreja matriz da cidade começou a ser construída em 1619 pelo capitão-mor Diogo Machado da Costa, sendo inaugurada em 1622. Chamada de Nossa Senhora da Vitória por conta da lenda de que está teria auxiliado os portugueses na expulsão dos franceses durante a batalha de Guaxenduba. A igreja originalmente era formada por 4 paredes de taipa, foi elevada a Sé Catedral em 1677 pelo Papa Inocêncio XI. A conservação dessa se provou falha, ocorrendo ao longo dos anos diversos pedidos para restauração e reconstrução do templo. Em 1713 o padre vigário da matriz da Sé formulou uma petição para o Senado da Câmara de São Luís informando as péssimas condições materiais do templo, pedindo objetos de culto e recomendando a construção de uma ou duas torres para colocar os sinos. Em 1718 o Rei de Portugal manda que fosse reconstruída a Sé com o produto da venda de 200 índios. Já em 1720, entretanto o bispo D. José Delgarte pede a reconstrução da matriz, pois o templo encontrava-se quase em ruína. Em 1761 uma carta Régia ordenava a demolição da igreja e colocava a Igreja de Nossa Senhora da Luz, pertencente aos jesuítas, como nova Catedral (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio; Demétrio, 2025).

A missão da Companhia de Jesus chegou ao Maranhão em 1622, com os padres Luís Figueira e Benedito Amodei se estabelecendo em 1627 na cidade de São Luís. Eles fundaram o Colégio e a Igreja de Nossa Senhora da Luz com a ajuda de índios trazidos de Pernambuco e aldeados em Anindibá. O Colégio a princípio constituía- se de um único corredor de pedra e cal no lado norte, tendo ao lado a primeira Igreja Nossa Senhora da Luz, uma pequena capela, feita de pedra e cal, e formada por capela- mor, nave e sacristia. Por volta de 1659 o Padre Antônio Vieira, superior da Missão do Maranhão na época, liderou a construção do segundo corredor do Colégio, no lado oeste, incorporando a antiga Igreja e erguido outra fora da quadra

do Colégio. Entre 1682 e 1691 o Padre Gonçalo Veras construiu o terceiro corredor, no Leste, constituindo o partido em quadra do Colégio. A igreja ficou deteriorada com o tempo, muitos pedidos para reformas foram feitos, mas não atendidos, o que ocasionou na sua demolição em 1693 (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Silva; Souza, 2016).

O colégio Nossa Senhora da Luz no Maranhão foi fundado pelo padre Luís Figueira. O colégio teve suas atividades suspensas após a morte dos padres no massacre ocorrido na cidade de Itapecuru em 1649, o colégio foi aos poucos voltando à ativa com a chegada da missão trazida pelos padres Francisco Veloso e João de Souto Maior em 1652, e com o padre Antônio Vieira em 1653. Foi com o padre Antônio Vieira a frente da missão no Maranhão que começam oficialmente a oficina de escultura, pintura e entalhe do Colégio da Luz, com elas houve a necessidade de trazer os primeiros mestres jesuítas artífices que posteriormente trabalhariam na construção e ornamentação das igrejas. O colégio atingiu elevado nível de produção artística quando esteve sob responsabilidade do padre Filipe Bettendorff. Entre os anos de 1690 e 1699 o padre liderou uma das maiores reformas na igreja de Nossa Senhora da Luz, anexa às dependências do Colégio, o padre realizou junto a outros mestres artífices e indígenas trabalhos de estatuária e talha, podemos destacar nesse processo a construção do retábulo do altar-mor (Silva; Souza, 2016).

Em 1690 o padre João Filipe Bettendorf, à frente da Missão no Maranhão, deu início às obras para construção da nova igreja jesuíta, localizada próxima a ala do corredor sul do Colégio da Luz. O próprio padre fez o rascunho para a fachada e retábulo do altar-mor. Uma construção de pedra e cal no nível da Igreja teria que ser cautelosamente planejada e realizada por partes. Desde 1673 o Padre João Felipe Bertendorf juntou material para as obras. Na época, o vice-reitor do Colégio Padre Domingos da Costa, ficou responsável pela edificação da nova igreja. O governador Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, simpatizante dos trabalhos da Companhia concedeu o capitão- engenheiro do Estado, Pedro Carneiro de Azevedo, e o capitão Domingos de Almeida para o acompanhamento das obras (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Silva; Souza, 2016).

A igreja foi edificada através de mão de obra indígena, e os moradores auxiliaram fornecendo os meios de transporte para o material. Modificações foram feitas no desenho original do padre Bertendorf, as paredes não ficaram tão altas, em lugar do nicho no frontispício foi colocada uma imagem de Nossa Senhora da Luz. A nova Igreja de Nossa Senhora da Luz foi inaugurada em 1699, com características barrocas, com uma única torre, nave única e quatro capelas laterais não muito fundas, uma vasta capela- mor, a cobertura em abóbada tem pintada cenas da vida da Virgem Maria, se destaca o retábulo- mor em talha dourada, esboçado pelo padre Bertendorf (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio; Demétrio, 2025; Silva; Souza, 2016. Lopes; Gouthier, 2024).

A igreja Nossa Senhora da Luz se tornou a Sé Catedral após a última expulsão da Companhia de Jesus no Maranhão, em 1759, existindo divergências a respeito da data exata. Elevada a condição de Catedral passou a ser conhecida como Nossa Senhora da Vitória. Depois da expulsão dos jesuítas o brasão jesuíta encontrado na fachada foi retirado, e no seu lugar talvez tenha sido colocada a Coroa Imperial por volta de 1883, nos altares os santos jesuítas foram retirados, dando lugar a imagens trazidas da Sé velha (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Lopes; Gouthier, 2024. Silva; Souza, 2016).

A Igreja da Luz foi inaugurada sem estar completa em seus elementos decorativos interno, em 1760 depois da expulsão dos jesuítas a capela colateral de Nossa Senhora da Boa Morte ainda não estava concluída, e a nave não tinha altares, as intervenções realizadas depois desse período foram para completar essas construções. Em 1768 começaram reformas para adaptar a antiga Igreja de Nossa Senhora da Luz à Sé Catedral, por exemplo a ampliação da capela- mor. Segundo o inventário dos bens jesuítas, realizados quando foram expulsos, a parte de baixa do altar-mor provavelmente tinha o entablamento e a mesa bem menores e era composta de esquife com um Cristo Morto colocado no altar do Senhor do Bonfim, na sacristia (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009).

Em 1827 foram realizadas obras principalmente na sacristia, que servia como capela dos pontificais, e a Catedral foi transferida para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Nos anos 1840/1850 foi restaurada a pintura do teto da capela- mor, das suas paredes laterais, e do arco- cruzeiro, foram refeitos o assoalho e a escada das torres, e o retábulo foi redourado. Em 1865/1866 foi comprado um órgão para Catedral e o coro teve de ser reformado para suportar o instrumento, substituindo o seu embarrotamento e assoalho, colocando no lugar um de madeira de lei. Nos anos seguintes foi trocado o piso de cantaria da igreja por um de madeira e feito o encanamento para luz à base de hidrogênio. Nos anos de 1880 foram feitas grandes reformas na igreja, com a Sé passando a funcionar por um tempo na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em 1883. Foi refeito o teto da nave, da capela- mor, e da capela da Boa Morte, reparadas as janelas do frontispício, colocada nova porta para a saída do coro para a torre, reparado os altares da nave, as tribunas e o altar- mor. Rebocadas e caiadas as paredes do frontispício, nave, capela- mor, capela da Boa Morte, arco- cruzeiro, arcos da capela do Sacramento, colunas, as tribunas, e nichos da Nossa Senhora da Boa Morte e Nossa Senhora da Conceição. Foi refeito o teto e forro da sacristia, consertadas portas, janelas e o altar do Senhor do Bonfim, feita caição e pintura da sacristia. Foram refeitos o teto e forro, e pintado o forro e as paredes da sala "Lavanda", de um corredor entre o templo e as salas dos Cônegos e beneficiados, das salas Capitular, da dos Capelãs. Foi consertado o mobiliário das salas dos cônegos e beneficiários e da sacristia, reparos no consistório Sul, reboco e caiação no frontispício e fachada sul do templo e da torre. Feita reparação da imagem de Santa Bárbara pintura nos ponteiros do relógio. No século XIX foi incluído um camarim na parte central do retábulo (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio; Demétrio, 2025).

Uma comissão, composta de operários peritos, nomeada pelo bispo D. Antônio Candido de Alvarenga, atuante entre 1876 e 1899, desenvolveu um parecer descrevendo problemas encontrados em várias ordens, expondo a necessidade de intervenções. De acordo com esse relatório a igreja se encontrava em uma situação precária. Foi relatado que o teto da nave da capela- mor do templo, da capela de Nossa Senhora da Boa Morte, da grande sacristia dos Pontífices, da sala da lavanda, do alpendre, latrinas e consistórios estavam apodrecidos. E o retábulo e outras peças de madeira estavam também, em grande parte, danificados, e alguns precisando de novas peças. Foi descrito durante o relatório que os retábulos do altar-mor, o trono da Boa Morte e os 6 da nave estavam além de pintados, redourados, o ouro antigo foi deixado apenas onde estava conservado perfeitamente e nas peças que não foram substituídas (Silva; Souza, 2016).

Houve pouca alteração da fachada do templo religioso entre 1856 e 1908. Percebesse o brasão da Coroa Imperial, possivelmente no lugar do Brasão da Ordem da Companhia de Jesus. Já o Palácio Episcopal se distanciou das características coloniais adotando elementos neoclássicos (Silva; Souza, 2016).

Em razão das comemorações do centenário da independência do Brasil em 1922. A fachada foi remodelada, foi construída a segunda torre, para ligar o Palácio, antigo Colégio da Luz à Igreja. Na fachada foi retirado o óculo, modificado o frontão, inserido vitrais, e colocado elementos decorativos neoclássicos. A catedral foi desligada do Palácio Episcopal, pela demolição de um consistório e da sala de reuniões do Cabido, onde hoje se encontra um pátio aberto pequeno, foram responsáveis por essa obra o engenheiro Anizio Palhano e o empreiteiro Abelardo Ribeiro. Foi colocado no frontão uma imagem de Nossa Senhora da Vitória, obra do escultor português Joaquim Pereira da Costa (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Silva; Souza, 2016).

Ocorreu novamente uma pintura no forro em 1927 feita por João Batista, em 1930 houve pintura das paredes, teto, altares e a substituição de assoalho de madeira por mosaicos. Em 1951 o teto da capela- mor foi elevado e substituído por madeira de lei, o teto da nave central também teve reparos, com substituição quase total do enripamento e tesouras e colocação de novo forro. Em 1956, uma nova pintura foi feita restaurando a de 1927 e adicionando novas obras. Em 1959 o IPHAN sob o comando de Edson Mota e dois outros mestres restaurou o altar- mor. No retábulo foram inseridos entablamento e mesa rococós e o nicho neoclássico do

camarim e várias áreas douradas foram recobertas com pintura a óleo azul. A equipe de Edson Motta decidiu em remover a tinta azul para preservar as características do retábulo como obra maneirista da metade do século XVII. Não foi possível, no entanto retirar toda a tinta azul no nicho, mesa e entablamento (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Silva; Souza, 2016).

Em 1974/1977, ocorreu um plano de restauração que continha três etapas: restauração do teto, limpeza externa e interna, mas por conta da falta de verba a terceira etapa não pode ser concluída. Em 1980 foi feita uma restauração na parte externa da Igreja, custeada pelo Governo do Estado. Em 1993 a firma Restauro (Restaurações e Inventários de Obras de Arte Ltda.), contratada pelo IPHA, restaurou a altar-mor, desinfetando, substituindo peças estruturais, fixando o douramento em deslocamento, removendo purpurina sob o douramento e a camada de pintura azul, nivelou a mesa, fez a reintegração cromática, redouramento e envernizamento (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009).

Entre 1996 e 1998 houve novas restaurações promovidas pelo Governo do Estado do Maranhão/Secretaria da Cultura, patrocinadas pela Telebás por meio da Lei de Incentivo à Cultura com apoio do IPHAN/3ªSR, tendo sido executadas pela Construtora Betom- Gomes Sodré Engenharia, que por sua vez subcontratou para a restauração dos elementos artísticos e integrados a firma Angra Arte e Restauro Ltda. A obra teve duas etapas, a primeira fez a recuperação da cobertura, colocou novo sistema de rede elétrica na nave, capela- mor, sacristia e altares do transepto. Fez a restauração dos forros decorados, pinturas dos murais e vitrais da fachada principal. Na segunda etapa foram feitas demolições de salas, garagens, depósitos, hall e escadaria, adro, passeio e muro. Foram feitas reformas na iluminação, feitas instalações elétricas das torres, coro e pátios. Feita drenagem dos pátios e adro. Foram também feitas restaurações de elementos artísticos: pintura do forro do átrio, restauração dos retábulos do transepto, dos retábulos da nave com molduras de janelas, dos elementos de cantaria, pintura dos murais, do brasão no arco cruzeiro, cadeiral com baldaquino, dos azulejos da sacristia e escadaria, painéis da sacristia e do coro, do mecanismo do sino, do relógio da torre e algumas imagens. Entre 2006 e 2007 o IPHAN realizou obras para restauração do retábulo- mor, das imagens de Nosso Senhor Ressuscitado e Cristo Crucificado, restauração do silhar português do hall da escada lateral da ala lateral voltada para o Beco da Sé. Novas reformas foram feitas na Igreja da Sé em 2013, entre elas foi colocada nas dependências da Igreja o museu de arte sacra (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; G1, 2013).

Falando sobre as características da Igreja ela foi construída em alvenaria de pedra e cal, coberto por telha de barro capa canal, colocada por volta de 1999. Possui fachada neoclássica com frontão triangular com imagem de Nossa Senhora da Vitória, apoiado por dois pares de pilastras compósitas. Atualmente possui duas torres sineiras quadrangular, cobertas por cúpulas truncadas de três secções, com formato triangular octogonal no topo e cruz latina de ferro. A fachada principal possui três níveis de abertura de vãos. No nível superior tem janelas com vergas retas e cornijas triangulares, no nível do meio, têm janelas em arco pleno com esquadrias de madeira e vidro com guarda- corpo em balaustrada, no nível inferior têm- se portas em arco com bandeira de ferro trabalhado e esquadrias com ponta de diamantes trabalhados. As torres dos sinos possuem aberturas de vãos em arco em todos os seus níveis, também possuindo relógios embaixo da abertura superior (Figura 2). A planta é em formato de cruz latina, com nave central única e capelas de estilo neoclássico, capela dos transeptos e profunda capela- mor ao fundo, com forros abobados pintados com elementos decorativos no século XX. A capela-mor e a capela do transepto se interligam a ampla sacristia. Esta possui teto abobado o piso é em ladrilho hidráulico (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009).

O retábulo do altar-mor é destaque na Igreja foi desenhado por Felipe Bettendorf em estilo nacional- português, e executado pelo entalhador português Manuel Manços, com ajuda de entalhadores indígenas maranhenses da Companhia de Jesus. O retábulo possui um conjunto com oito colunas ornamentadas com elementos que remetem cachos de uva, folhas de palma e acanto. Arcos concêntricos rendilhados com ornamentação de folhas de parreiras e pombos da paz, forma helicoidal e estão sobrepostos um sobre o outro. Há também duas

imagens, de São Pedro e de São Luís, e cinco painéis pintados a óleo feitos por Bento Coelho da Silveira, representando parte da Via Sacra. No altar colateral existem obras da imaginária maranhense, como a de São Sebastião. A nave central possui um teto abobadado com pintura a óleo feita por João de Deus, no século XX (Lopes; Gouthier, 2024. Silva; Souza, 2016).

Segundo a pesquisa feita por Cutrim, Demétrio e Demétrio (2025), a igreja apresentava 29 manifestações patológicas, principalmente a degradação do revestimento e deterioração da madeira. Em minhas próprias observações sobre a Igreja, quando a visitara em 2025 o exterior pareceu bem danificado, com manchas e partes com mofo, e os relógios estavam quebrados. A escadaria estava com algumas peças quebradas. O interior parece em melhores condições que o exterior, a magnitude da igreja deixa uma impressão de grandiosidade. O altar-mor e os altares laterais estavam em boas condições. O piso estava em bom estado exceto em algumas áreas em que este estava quebrado ou eram inexistentes. Algumas paredes pareciam ter mofo ou estarem com a pintura suja ou com revestimento desbotado. O forro da entrada estava com uma parte quebrada. O palácio, onde funciona o museu de arte sacra, estava em boas condições.

Uma nova reforma iniciada em 2026, pela Secretaria de Infraestrutura engloba a pintura e restauração da fachada, além de uma reforma nas instalações elétricas de todo o edifício (já realizada), onde houve a troca dos fios elétricos, quadros de energia e mudança na iluminação (Governo do Maranhão, 2026). Segundo o próprio perfil de Instagram da Catedral (catedraldase.slz), essa reforma elétrica foi possível por causa da Campanha Cheia de Luz, com arrecadação de fundos.

Igreja do Carmo

Antes da construção do atual convento do Carmo havia uma capela construída em 1615 em homenagem a Santa Bárbara em um terreno doado pelo Comandante Alexandre de Moura na rua do Egito, que por muito tempo ficou conhecida como Carmo Velho. A construção de um novo convento começou a ser discutida em 1624, e a ideia foi colocada em prática em 1627 pelos frades carmelitas que construíram fora da muralha, na colina de Santa Bárbara, na Praça João Lisboa, também chamada de Largo do Carmo, Centro de São Luís a Igreja e Convento do Carmo. Os Carmelitas instituíram no Convento um centro para estudos religiosos. A igreja se estabelece dentro do convento, nesse momento possuía uma forma poligonal, que lembra uma fortaleza, com azulejos portugueses da época em sua fachada (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Costa; Silva, 2022; Zenkner, 2002).

A Construção do Convento fez parte do projeto de urbanização da cidade, influenciado pela Coroa Portuguesa. Até 1640 o perímetro urbano terminava no Largo do Carmo. Ela vai auxiliar no crescimento da cidade, pois a partir dela surge um largo (lugar aberto, espaço de aglomeração) e algumas ruas no sentido leste, definindo a orientação na qual a cidade vai se expandir, de forma regular, com ruas de largura constante, mas com quadras de diferentes dimensões (Zenkner, 2002; Carvalho, 2021).

No período de sua abertura em 1624, a Igreja servia para catequização da população. O Convento era importante na vida comunitária, sendo nele realizadas missas, organizações de procissões, festas natalinas, de pascoa, velórios, e se fazia assistência aos doentes. Em 1641 com a invasão holandesa foi utilizada como forte das tropas portuguesas, recebeu mulheres, crianças e peças de artilharia portuguesa, os frades auxiliaram administrando sacramentos, dando seus gados para sustento dos moradores, doutrinando e animando brancos e índios. Teve, por conta disso, suas paredes, fachada e torres danificadas pelos invasores. A Coroa portuguesa não ofereceu indenização ao Convento após a expulsão holandesa, como os frades e a população não tinham recursos o suficiente ele ficou em péssimo estado de conservação. Durante o século XVIII ocorreram algumas mudanças econômicas, com a implementação da Companhia de Comércio e depois a introdução do trabalho escravo no Maranhão. Como consequência os frades carmelitas se tornaram donos de grandes extensões de terra, cabeças de gado e escravos (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Carvalho, 2021; Costa; Silva, 2022).

Foi feita uma grande reforma em 1808, onde foram colocadas as duas torres e feitos reparos na fachada. Em outubro de 1814 foi cedida permissão ao convento para ofertar aulas de ciências humanas, morais e teologia para os membros da ordem religiosa. Também disponibilizou cursos de latim e retórica para jovens de forma gratuita. Serviu como sede da artilharia imperial, depois de sua remoção em 1829 seu andar térreo foi usado como sede do Corpo Policial de Segurança Pública. Em 1831 começou a funcionar no andar superior a Biblioteca Pública. Em 1838 passou a funcionar no Convento o Liceu Maranhense, após o Corpo de Segurança Pública ser removido. Por conta de sua grandeza entre 1820 e 1830 teve o maior número de sepultamentos, pois na época ser sepultado lá significava status (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Carvalho, 2021; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025).

A ordem carmelita passou por dificuldades, sendo impedida de receber noviços e tendo número de frades reduzidos. O frade restante, frei Caetano de Santa Rita Serejo, viveu no Convento durante 30 anos, mantendo o Liceu Maranhense. Ordenou a restauração da Igreja entre 1865 e 1866, incluindo o revestimento do frontispício de azulejos portugueses. Depois de sua morte em 1891 o governo federal ficou em posse do Convento e da Igreja, que foram entregues à Diocese em 1892 (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Carvalho, 2021).

Os Capuchinhos Lombardos chegaram à São Luís em 1893 para fundar a missão no Maranhão e a princípio ficaram na Igreja de São João Batista dos Vinhaes, em outubro de 1894 o superior dos capuchinhos, Frei Carlos de Sana Martino Olearo, transferiu- se para o Convento do Carmo, e os capuchinhos permaneceram lá como depositários de uma propriedade federal. A Igreja e Convento entretanto só foram reabertos em 1895 depois de ser consagrada novamente. A Missão Capuchinha adquiriu o Convento e Igreja na arrematação pública acontecida em 1911, se tornando sede da missão. Em 1962 foi restaurado e reinaugurado (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Carvalho, 2021).

A Igreja do Carmo foi sede das Irmandades religiosas de Santa Filomena, criada em 1844, e possuía a imagem de Santa Filomena num altar, e teve sua sede na Igreja a Irmandade de Bom Jesus dos Passos, composta de portugueses ricos, com data de origem desconhecida teve em 1875 a relíquia do Santo Lenho existente dentro da cruz de procissão roubada (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009).

Entre 1894 e 1900 foram feitos consertos e limpeza da igreja; refeito o piso e o telhado; foram rebocadas as paredes com estuques; removido o coro antigo; desfeitos alguns altares laterais; removidos balaústres enferrujados e as cancelas; feita canalização a gás, e depois a renovação dos canos desta; em 1909 e 1910 foi feita recuperação geral e renovação dos canos de canalização de gás (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009).

Na primeira metade do século XX ocorreram várias obras. Parte do Convento que dava para a Rua da Paz foi demolido entre 1931 e 1932, para alargar a rua; na década de 40 a capela pertencente à Irmandade de Bom Jesus dos Passos desabou. Durante todo esse período o Convento serviu de sede de muitas obras para benefício popular como: a União Operária Maranhense em 1920, a casa do Pequeno Jornaleiro em 1952, a Escola do Santo Antônio em 1961, o Voluntariado Missionário em 1972, entre outros, também funcionou no Convento cursos profissionalizantes e consultórios médicos e dentários. Na década de 40 a capela pertencente à Irmandade de Bom Jesus dos Passos desabou, capela pertencente a essa Irmandade passou a ser capela do Calvário e foram feitos consertos no coro, em 1943, onde foi substituída a escadaria frontal por um pátio com duas escadas laterais, e demolido parte do lado direito do convento (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025).

Em 1950 foram feitos consertos nas celas e portaria, em 1959 foi reformada a fachada da Igreja e do Convento. Entre 1961 e 1969 houve diversas reformas: uma reforma interna que mexeu com as alas meridional e ocidental do andar superior e derrubou o claustro interno no térreo. Em 1969 e 1970, para obter recursos para as reformas, foram vendidos diversos objetos como castiçais, placas com nomes, objetos de culto, a pia da sacristia, as reformas incluíram a substituição do forro de madeira da Igreja por um de gesso, o revestimento das paredes com placas de cimento na altura de dois metros. Em 1971 o coro foi restaurado. Para celebrar o

centenário dos capuchinhos no Carmo novas reformas foram feitas, colocando- se piso de granito no Convento e Igreja entre 1992 e 1994. Em 2007 foi implementado em parte do térreo o museu dos Capuchinhos. Durante as reformas do século XX o Convento também ganhou novos espaços, como um anexo na parte posterior do convento e outro à esquerda da Igreja. Em 2013 parte do forro e do telhado da Igreja foram retirados, em 2022 foi feita uma revitalização na fachada (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; G1, 2013; Serra, 2022; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025).

A Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo têm 96 metros de comprimento de frontaria. Possui um estilo majoritariamente barroco, com uma fachada simétrica, com frontão triangular clássico com uma cruz no topo e um vão circular, ainda na fachada possui duas torres laterais simples com cruzes de ferro ao topo. Três janelas adornadas com balcões de ferro e terminadas por verga reta simples se encontram no centro da fachada, acima da entrada principal, abaixo do entablamento. O convento apresenta dois pavimentos. O pavimento superior possui sete janelas panorâmica externas para o largo do Carmo (Figura 3). A Igreja tem um pátio com escadarias laterais na sua parte frontal. Por dentro a Igreja possui nave única com piso em granito, forro em gesso trabalhado que termina no arco cruzeiro, o separando da capela- mor e dos transeptos laterais. Na nave o lado esquerdo (Epístola) tem três altares laterais e o lado direito (evangelho) têm ala lateral formada por altares laterais de mármore. A capela- mor possui altar-mor em mármore e anexo a este têm- se a sacristia e um hall que liga a Igreja ao antigo Convento do Carmo. A Igreja ainda possui alguns painéis de azulejos datados de 1866. Ela se conecta a Fonte do Ribeirão através de uma galeria subterrânea, que é fechada ao público. Possui uma escadaria em pedra de cantaria (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025. Costa; Silva, 2022). Atualmente a Igreja também conta com uma rampa ao lado da escadaria do lado direito, com guarda corpo de vidro, e ao lado da escadaria esquerda existe uma espécie de rampa de pedra que possivelmente funciona para escoamento de água.

Em uma pesquisa realizada em 2022 por Costa e Silva foi visto que a fachada se encontrava relativamente bem preservada, mas com pequenos focos de manifestações patológicas, ou seja, problemas/ danificações, em algumas áreas (Costa; Silva, 2022). Segundo a pesquisa feita por Cutrim, Demétrio e Demétrio em 2025 a Igreja do Carmo era a mais bem conservada durante o levantamento realizado naquele ano, apresentava 9 manifestações com a fissuração sendo a mais comum. Em minha visita durante 2025, reparei que as escadarias, e a fonte da fachada estão danificadas, as paredes das fachadas, como é comum nas Igrejas antigas estavam com manchas. Algumas danificações são causadas pelos próprios moradores, foi possível perceber diversas pichações especialmente nas escadarias e muito acúmulo de lixo. No interior foi possível reparar em manchas de infiltração no teto da entrada e nas paredes, trincos em colunas em uma área na entrada o revestimento parecia estar se deslocando da parede. O telhado da nave, e o piso pareciam em boas condições, assim como os altares.

Em 2026 a Igreja do Carmo está sendo contemplada nos investimentos do Novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), juntamente com outras 9 edificações, para novas intervenções.

Igreja de São José do Desterro

É a mais antiga da cidade, e a única no Brasil a ainda preservar elementos da arquitetura bizantina. Foi construída por escravos, onde hoje é conhecido o bairro do Desterro, provavelmente depois da consolidação da malha de Frias, atual bairro da Praia Grande, antes de 1641, algumas fontes datam sua primeira construção em 1618. Era uma construção bem simples, coberta de palha com sua porta principal voltada para a praia, onde atualmente está o altar- mor (ANDRÉS, 1998; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025; Zenkner, 2002).

Com a invasão holandesa, a Igreja foi por estes saqueada em 1641. Depois da expulsão destes ela foi reconstruída com sua fachada virada para o largo situado entre o fim da Rua da

Palma e os inícios dos becos do Precipício, do Desterro e do Caela, e possuiu uma Irmandade de Nossa Senhora do Desterro própria. A Irmandade encabeçou um projeto de construção de um convento, cujo frades Marcos e Cerveira queriam colocar no lugar da Igreja e em terrenos próximos, também pertencentes a Irmandade, o convento acabou por ser construído em terreno próximo da Igreja. A segunda construção da Igreja durou cerca de um século, e se supõe ter tido grande importância por estar em local movimentado da cidade. São Luís também vai crescer para essa área e vai ser firmado ali um novo núcleo residencial (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025. Zenkner, 2002).

No início do século XIX a Igreja se encontrava abandonada e praticamente em ruínas até que veio a desabar em 1832. O Sr. José Lé patrocinou a reconstrução da Igreja com recursos próprios e aqueles adquiridos com amigos, mas veio a falecer antes da obra ser concluída, que foi continuada por José Antônio Furtado do Queixo. A Igreja foi finalizada em 14 de abril de 1839 com o nome de São José do Desterro, dedicada ao patrono São José como homenagem a aqueles responsáveis por sua reconstrução (Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025).

Depois da morte de José Queixo a Igreja ficou descuidada, sendo roubada, e o templo ficou em estado precário por vários anos. A Câmara Municipal oficiou ao bispo um pedido para demolir as paredes restantes da Igreja. A proposta ocasionou em protesto contra a demolição do templo e foi instituída em 1867 uma comissão para tratar da reconstrução da Igreja (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025).

Três dos lados da torre da capela- mor desmoronaram, enquanto o resto da edificação de pedra e cal e um lado, firmado em um arco, continuaram intactos. Foi decidido por derrubar o resto da torre e construir uma nova. A obra teve auxílio da população com recursos. A cobertura foi refeita em 1867, e em 1868 foi feita a torre, sendo executada pelo Sr. Pimenta e patrocinado pelas “senhoras maranhenses”. A mando do Sr. Francisco Gonçalves Reis foram feitos o coro e as três janelas em frente. Houve outra restauração em 1869 feita por Marcelino José Antunes Pimenta e a Igreja foi reinaugurada nesse mesmo ano pelo bispo D. Luís da Conceição Saraiva (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025).

A Igreja, porém, volta a situação de ruína e é interditada pelo bispo em 1942, tendo a Imagem de São José do Desterro levada para a Igreja da Sé e as outras para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Uma nova reforma foi realizada tendo ajuda da sociedade, feita pela comissão formada por Cônego Frederico Chaves, Dr. Almir Marques, Marcelino de Almeida Júnior e Manuel Silva, para o templo ser reaberto em 1943. Em 1954 foi restaurada por meio da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo realizados trabalhos no telhado, nas esquadrias entre outros serviços básicos. Outras restaurações foram feitas em 1975 pelo governo de Pedro Neiva de Santana e em 1981 pelo governo de João Castelo Ribeiro. Novas obras foram feitas pelo Governo do Estado do Maranhão em 2002, o piso em lajota de barro da nave foi substituído por tabuado; substituíram também o forro; fizeram também a recuperação da cobertura e restauração de retábulos/ altares e algumas imagens sacras. O IPHAN/3ªSR em 2004 faz um projeto elétrico, aterramento SPDA, e vigilância eletrônica interna, e em 2008 executam um projeto para recuperação da cobertura, forro, esquadrias, instalações elétricas e pintura. Em setembro de 2020 começaram novas reformas por meio da Secretaria de Estado da Cultura, restaurando a fachada e laterais, esquadrias, troca do piso interno danificado, dos sistemas elétricos e hidráulicos e da cobertura, conservando a arquitetura original. Ela foi novamente restaura em 2022 (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025; O Imparcial, 2021).

Como características a Igreja possuiu uma forma pentagonal irregular, e é feita de alvenaria e pedra rebocada. O frontão tem quatro arcos ogivais, com um maior com cruz no topo sendo envolvido pelos outros três. A fachada contém dois pavimentos e uma torre sineira a direita (Figura 4). O interior possui um partido cruciforme para a nave, capela- mor e capelas laterais. A forma segue a implantação, obedecendo ao alinhamento da rua. A Igreja do Desterro está em um nível mais elevado que o resto do largo. O arco da nave é simples, sem detalhes ornamentais. O forro presente na nave e capela- mor tem forma de tumba e nas capelas laterais

forma abobada, sendo do tipo saia e camisa. O piso do patamar da entrada e as molduras dos vãos interiores são feitas de pedra lioz. O pavimento térreo possui piso de ladrilhos hidráulicos na nave, de cantaria na capela- mor e de tijoleira no resto. O piso de altar principal que sustenta um retábulo de traços neoclássicos, com destaque a aberturas decorativas que contornam o pleno arco do nicho central dedicado à Sagrada Família. Acima deste existem representações em relevo de ferramentas utilizadas por carpinteiros em referência a profissão de São José, abaixo da mesa do altar têm- se uma representação em escultura do Senhor Morto. As laterais possuem dois pares de colunas coríntias reforçadas com molduras retangulares adicionais. O pavimento superior possui piso de assoalho com tábuas de diferentes larguras em alguns trechos. Nesse pavimento têm- se cinco janelas com balcão em gradil de ferro, uma porta que dá acesso a nave central contornada por dois nichos com vergas em arco pleno, e duas portas laterais com óculos no topo. Existem nele três altares pintados em branco e azul, com frisos em marrom por cima do dourado existente (Bogéa; Brito; Ribeiro, 2009; Cutrim; Demétrio e Demétrio, 2025).

A pesquisa de campo na Igreja do Desterro foi um pouco difícil, pois ela se encontrava geralmente fechada. O que pude perceber a partir da análise do exterior foi que ela se encontra preservada em estrutura, mas com as paredes bem manchadas e com plantas crescendo na sua fachada. O piso de pedra que leva adentro da Igreja estava um pouco danificado, com um buraco em que foram colocadas diversas tampas de garrafa. A Igreja tem sido bem mantida pela comunidade, e recebeu algumas cadeiras como doação. No interior existem manchas de infiltração em alguns locais e senti alguns pisos um pouco deslocados, o forro e o altar parecem estar bons. De maneira geral o interior da Igreja se encontra em boas condições.

CONCLUSÃO

Iniciamos a conclusão relembrando o objetivo geral desta pesquisa que foi estudar os primeiros exemplares da arquitetura religiosa de São Luís do Maranhão que estão inseridos na área de tombamento federal e inscrita na Unesco como Patrimônio mundial: a Igreja Santo Antônio, a Igreja da Sé, a Igreja do Carmo e a Igreja do Desterro.

As Igrejas tombadas possuem grande importância na cidade, sendo local de oração, reflexão, meditação, estudo e abrigo, foi visto no artigo o quanto elas foram modificadas ao longo dos anos ao mesmo tempo resistindo e sendo reconstruídas por conta de sua importância para as pessoas que as frequentam. Além de sua importância cultural percebemos também sua importância histórica, as técnicas construtivas e estilos que levou essas igrejas a serem tombadas. Muitas reformas das Igrejas foram feitas com poucos anos de diferença uma da outra, mostrando a facilidade do desgaste do patrimônio, e em muito a dificuldade de cuidar deste. Por isso elas devem estar sempre sendo observadas para que sejam corrigidos os problemas antes que se agravem.

Concluo então que as Igrejas de Santo Antônio, Sé, Carmo e Desterro são pontos centrais na formação, desenvolvimento e cotidiano da cidade de São Luís - MA. O artigo intentou trazer informações mais atualizadas possíveis, porém por ser uma pesquisa de foco qualitativo ela pode ser aumentada e atualizada no futuro, pois as igrejas continuaram a passar por mudanças e se encontrarão em um estado diferente daquele relatado neste artigo.

Figura 1 – Igreja Santo Antônio



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Figura 2 – Igreja da Sé



Fonte: Arquivo pessoal, 2005

Figura 3 – Igreja do Carmo



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Figura 4 – Igreja do Desterro



Fonte: Arquivo pessoal, 2005

REFERÊNCIAS

ANDRÉS, Luís Phelipe de Carvalho Castro (coord.). **Centro histórico de São Luís – Maranhão: patrimônio mundial**. São Paulo: Audichromo, 1998.

BOGÉA, Kátia Santos; BRITO, Stella Soares de; RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Arquitetura e arte religiosa no Maranhão**. São Luís: IPHAN, 2009.

CATEDRALDASE.SLZ. **A reforma elétrica da nossa Catedral segue avançando [...]**. *Instagram*, 10 mar. 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/catedraldase.slz/reel/DVs4ndaDuXm/?hl=pt. Acesso em: 8 maio 2026.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 1925.

COSTA, Luan da Silva; SILVA, Witson Andrade da. **Manifestações patológicas em fachadas de construções históricas: estudo de caso da Igreja de Nossa Senhora do Carmo em São Luís – MA**. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 2, e24011225819, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i2.25819.

CUNHA, Gaudêncio. **Maranhão 1908: álbum fotográfico**. Apresentação de Lino Moreira; texto introdutório de Jomar Moraes. 2. ed. São Luís: Edições AML, 2008.

CUTRIM, Lucas Delano Serra; DEMÉTRIO, Jorge Creso Cutrim; DEMÉTRIO, Fernando Jorge Cutrim. **Manifestações patológicas em igrejas do patrimônio histórico de São Luís**. São Luís: Editora UEMA, 2025.

GOVERNO DO MARANHÃO. **Governo do Maranhão investe na preservação da Catedral de Nossa Senhora da Vitória**. *YouTube*, 5 mar. 2026. 1 vídeo (4 min 7 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3_KjCCrl_rQ. Acesso em: 7 maio 2026.

GOVERNO FEDERAL DO BRASIL. **Governo do Estado e Iphan entregam Igreja de Santo Antônio em São Luís (MA)**. *gov.br*, São Luís, 2026. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/governo-do-estado-e-iphan-entregam-igreja-de-santo-antonio-em-sao-luis-ma. Acesso em: 7 maio 2026.

GOVERNO FEDERAL DO BRASIL. **Governo Federal, Iphan e Governo do Maranhão iniciam obras no Centro Histórico de São Luís**. *gov.br*, São Luís, 2026. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/governo-federal-iphan-e-governo-do-maranhao-iniciam-obras-em-10-edificacoes-no-centro-historico-de-sao-luis. Acesso em: 8 maio 2026.

LOPES, José Antônio Viana; GOUTHIER, Deborah. **Guia turístico cultural: São Luís patrimônio mundial**. São Luís: Editora Quereres, 2024.

SILVA, Regiane Aparecida Caire; SOUSA, Marília Martha França. **A Companhia de Jesus em São Luís do Maranhão: considerações sobre pintura e talha na Catedral da Sé**. *IHS Antiguos Jesuitas en Iberoamérica*, v. 4, n. 1, jan./jun. 2016.

CUTRIM, Lucas Delano Serra; DEMÉTRIO Jorge Creso Cutrim; DEMÉTRIO, Fernando Jorge Cutrim. **Manifestações Patológicas em Igrejas do Patrimônio Histórico de São Luís**. São Luís: Editora Uema, 2025

GOVERNO do Maranhão. **Governo do Maranhão investe na preservação da Catedral de Nossa Senhora da Vitória.** YouTube, 05 de março de 2026. 4min07s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3_KjCCrl_rQ. Acesso em: 07 de maio. 2026

GOVERNO Federal do Brasil. **Governo do Estado e Iphan entregam Igreja de Santo Antônio em São Luís (MA).** gov.br, São Luís. 2026. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/governo-do-estado-e-iphan-entregam-igreja-de-santo-antonio-em-sao-luis-ma. Acesso em: 07 maio. 2026

GOVERNO Federal do Brasil. **Governo Federal, Iphan e Governo do Maranhão iniciam obras no Centro Histórico de São Luís.** gov.br, São Luís. 2026. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/governo-federal-iphan-e-governo-do-maranhao-iniciam-obras-em-10-edificacoes-no-centro-historico-de-sao-luis. Acesso em: 08 maio. 2026.

LOPES, José Antônio Viana; GOUTHIER, Deborah. **Guia Turístico Cultural**: São Luís Patrimônio Mundial. São Luís: Editora Quereres, 2024

SILVA, Regiane Aparecida Caire; SOUSA, Marília Martha França. A Companhia de Jesus em São Luís do Maranhão: Considerações sobre pintura e talha na Catedral da Sé. **IHS Antiguos jesuitas en Iberoamérica**, vol.4, n.1. ISSN: 2314-3908. jan./ jun. 2016.

TV IMPARCIAL. Veja a nova série de vídeos 'São Luís Vista de Cima'**. O Imparcial,** 2017 Disponível em: https://oimparcial.com.br/tv/2017/09/veja-a-nova-serie-sao-luis-vista-de-cima/. Acesso em: 23 jan. 2025

ZENKNER, Thaís Trovão dos Santos. **Legado Renascentista e forma urbana:** as cidades de São Luís- MA e Belém-PA durante o século XVII. 2002. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.